

# A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — *Typographia de Paula Brito* — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a côrte; e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados. No. avulsos, 120 rs.

## A MARMOTA.

### A ARCA DA FAMÍLIA

Romance original

POR

A. A.

(Principiou no n. 1081.)

(Conclusão.)

#### CAPITULO III.

##### O CASAMENTO.

A velha Hortencia não abandonou mais o seu filho André. Todos os dias, quando ia ouvir a sua missa, agradecia a Deus o ter encontrado o seu querido filho.

Paulo alegrou-se muito quando soube da felicidade de seu amigo, e começou a amar a Hortencia, como se a boa velha fosse tambem sua mãe.

Em Elvira encontrou a velha Hortencia uma verdadeira amiga.

André, que julgara ha pouco morrer no isolamento, sem ter uma mão amiga, que apertasse a sua mão gelada, sem ouvir uma voz querida, que lhe fallasse de amor e de saudade, sem sentir nos seus labios um beijo ardente, que desse esperança a sua

alma e vida no seu coração, André, que ha pouco, quizera morrer de desespero e de dor, quando reconheceu sua mãe ficou atonito, parecia que o seu coração queria sair do recinto, em que Deus o encerrou, tão depressa batia elle.

O pobre moço ficou como que louco, e dizia:

— Meu Deus, terei eu chegado já ao paiz dos justos! gosarei já da felicidade celeste!

Desde então o pobre artista começou a adorar a velha Hortencia; o seu coração ficou sendo de sua mãe.

Pouco depois do que acabamos de relatar, um dos nossos jornaes diarios publicava a seguinte noticia:

— « Falleceu ha pouco em Lisboa o rico negociante André de Castro. Deixou toda a sua riqueza a um filho que tem no Brasil, mas se esse seu filho tiver já fallecido, toda essa riqueza tem de reverter para a casa dos expostos desta cidade. »

Em breve, pois, vio-se André com um nome, e com um grande cabedal.

Então podia ir dizer a Elvira, que a amava; ja não era o triste orphão, o pobre artista; era um moço, que tinha uma familia, e que podia dispor de um bom thesouro.

Essa alegria, esse interesse, que a presença de André causava a Elvira, o que ao principio ella não soubera explicar, depois deixou de ser um mysterio para a sua alma; o seu coração de moça lhe fez ver, que tu-

do nascia do amor consagrado ao filho de Hortencia.

O amor é como o sol, em cada hora augmenta de calor e de intensidade. Elvira cada dia foi amando mais a André.

André que a tanto tempo amava a Elvira, sem ousar dizer-lhe sequer uma palavra, que até aqui procurara afogar no coração essa paixão, que como uma febre ardente, lhe queimava o cerebro; André, que só com o seu amor, tinha até então caminhado pelos urzes e espinhos, quando pôde declarar esse amor, que o tornara louco, quando pôde ajoelhar-se aos pés dessa mulher, que era o seu idolo, quando pôde fallar-lhe de toda essa paixão, pela qual o seu coração sangrara tanto, quando pôde dizer a Elvira — eu te amo — elle como que sentio que um anjo o chamava á vida. Ah! tinha encontrado então um coração palpitante e quente, que soubera comprehender o seu amor.

Mas fallemos agora de um personagem, do qual não nos devemos esquecer.

O Sr. Barbosa era um velho de 70 annos, Major reformado, e antigo amigo do pai de Elvira.

O Major Barbosa era feio como um urso branco da Asia; olhos pequenos e apertados, labios grossos, boca rasgada, cabellos brancos como se tivessem polvilho, e nariz chato como de um Tartaro. E um homem de tal semblante pensava em namorar e em casar!

## POLKETTIN.

### O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA  
E SOUSA.

(Principiou no n. 1065. Continuação do n. 1082.)

A Policia, que por seu gosto não teria hospedes, mas que quando os tem não se incommoda com elles, resolveu que a moradia, e comestivos do supposto Marcos deveriam, dalli em diante, correr por sua conta: Marcos, porém, de sua parte, como homem franco, e gastador, de mui boa vontade lhe dispensava o incommodo, agradecendo-o sem acceitar, não lhe-pesando jamais pagar as casas em que vivesse, e comendo nellas á sua custa: parece isto um ponto de soberba, mas elle lá tinha com a Policia razões de queixas, e tão positivas, que até lhe-haviam feito mudar de nome!

Os factos, que temos enfiado até este mo-

mento, não nos-deram logar de fallarmos mais em certo personagem, que em um dos capitulos deste romance appareceu por um instante para representar um mui difficil papel, e desapareceu logo: é o bel João! O silencio que sobre elle guardado temos teria feito desconfiar a muita gente desconfiada que elle já não existisse; e estou que alguém haveria que por elle algum interesse tomasse.

Ora, pois, João tornou a si do desmaio, que soffreu por causa da pancada que levou na cabeça, quando salvava seu senhor, como temos visto. Si ainda hoje João fosse vivo, agradeceria muito a quem por elle algum interesse tomasse.

Deixemos ainda Marcos por alguns instantes e vejamos o que se-passa entre Laura e João depois da carta deste.

— João, viste alguma cousa no jardim, no domingo á noute?

— Vi o Sr. Marcos escondido debaixo de uma arvore, e eu estive vigiando a elle debaixo de outra arvore.

— E ao depois?

— Elle quiz matar a minha senhora.

— E depois?

— Eu salí, briguei com elle, e eu pude mais do que elle...

— E depois?

João repetiu a Laura o quanto sabemos que aconteceu entre Marcos, e o seu vencedor. Depois Laura disse:

— E tu porque vigiaste ao Sr. Marcos? desconfiavas delle alguma cousa?

— Eu...

— Falla.

— Eu desconfiava, sim, senhora.

— E porque?

— Porque o moço, que anda caçando... o moleque me-dice que o Sr. Marcos tinha tomado as cartas delle, e tinha lido... e aquelle homem tem cara de mão...

— Está bom, João, eu te-heide agradecer.

No dia em que Marcos dizia na carta ser o de seu embarque, Laura mandou o preto João para assegurar-se disto. Sigamol-o até o largo do Palacio dos vice-reis.

João está no meio do dito largo e dirije seus passos, em frente do Palacio, para alcançar o ponto em que a rua da Misericordia ahí desemboca. Pouco antes de chegar ao ponto, onde hoje se-vêem os tres arcos, que communicam o Palacio ao que foi outro convento dos frades do Carmo, hoje tambem Palacio, ouve-se uma grande gritaria. Muita gente corre para o mesmo logar: João corre tambem; ahí, um homem banhado no seu sangue acaba de expirar.

Todos os dias vinha á casa de Paulo, e procurava conversar com Elvira.

—V. Ex. está hoje tão triste! disse o velho dirigindo-se á irmã de Paulo.

—Não, Sr. Major, mas não quero rir-me.

—Entretanto quando V. Ex. ri, eu fico satisfeito.

—E porque?

—Porque? porque vos amol

—Vós, meu Deus!

—E o que tem; o meu coração é um volcão, que ainda lança faíscas...

—Mas já tão frias...

O Sr. Major Barbosa não gostou da graça, porém encetando de novo a conversa, tirou da casaca um jasmim.

—V. Ex. dá-me o prazer de aceitar esta flor?

—Não gosto dos jasmims.

—Então sois como Gæto; pois tomai uma rosa...

—Não quero flores, Sr. Major Barbosa; e a moça deixando o velho, foi tocar no seu piano uma aria do *Trovador*.

O velho Barbosa torcendo-se na cadeira, começou a suspirar de um modo, que faria inveja a um Lovelace, depois exclamou:

—Não tem duvida, sou muito caipora!

Levantando-se de repente foi ter com a moça.

—V. Ex. não me ama!

—Não, Sr. Major.

—Nem quer casar comigo?

—Não, Sr. Major Barbosa.

—Nem se embaraça que eu morra!

—Não.

—Pois não tem dó de mim!

—Tenho, sim, disse Elvira dando uma gargalhada.

O velho enfiou, e descendo as escadas disse consigo:

—Com trinta mil cartuxos, estou vendo que o diabo quer por força que eu morra solteiro!

Os corações que se amam se compreendem em tudo, o amor identifica as almas; os dous entes que se amam, como que ficam tendo um só coração.

## CAPITULO XV.

### CONTO COM VOSCO.

A incerteza da existencia da pessoa, que amamos é o tormento, que mais pôde opprimir nossa alma e esmagar nosso coração. A saudade desse objecto é um círculo de ferro, que cerca a nossa imaginação: a incerteza aperta esse círculo com tanta força que sentimos estalarem-se nossas idéas de um modo doloroso, de encontro ao rochedo d'ausencia. Mas a inesperada vista desse bem é tão venturosa que per si só é capaz de fazer-nos esquecer nossos desastres passados, adiar nossos males presentes, e até mesmo abrilhantar nosso luctuoso porvir. Si, pois, existe sobre a terra a suprema felicidade, é a que entrega em nossos braços o bem que perdido choravamos.

Amar!.. comprehendéis vós o sentido occulto desta palavra de mysterio? Amar!.. Quanto é doce amar! Ah! Houve um tempo em que a luz de vossos olhos estava n'outros olhos? Um tempo em que nem um som abalava o timpano de vossos ouvidos sinão uns sons mais suaves que o suave suspirar da brisa; uns sons mais ternos que o terno gemer da maviosa róla? Um tempo, em que nem um cheiro feria gostosamente o vosso

André pediu a mão de Elvira, o pudor que subio á face da moça foi a resposta da virgem.

Desde então foi determinado o casamento da irmã de Paulo com o filho de Hortencia.

Dahi a 2 mezes via-se uma moça com o véo e grinalda de noiva; era Elvira.

Um elegante moço chegou-se a essa bella mulher, e beijando-lhe a mão, exclamou cheio de amor:

—Agora sou completamente feliz!

Esse moço era André.

Quanto ao Sr. Major Barbosa, ia chegando á casa de Elvira, no momento em que a moça voltava com o seu noivo da Igreja; o Major Barbosa presenciando essa scena, mudou de côr como o camaleão, e exclamou desesperado:

—Estou logrado! Com trinta mil cartuxos, não hei de achar uma mulher que goste das minhas feições; pois não desanimo, amanhã principio outro namoro.

Quando os noivos voltaram da Igreja, a velha Hortencia apresentando uma medalha de ouro a André, disse com as lagrimas do prazer e do contentamento:

—Meu filho, tomai esta medalha, que conserveis durante 27 annos, e guardai-a como um thesouro sagrado, e quando mostrades a vossos filhos, dizei sempre estas palavras, para que elles as possam repetir aos vossos netos:

—Eis aqui a Arca da nossa Família!

FIM.

## A ITALIA NO XIII SEculo.

### DANTE.

(Continuação do n. 1032)

Assim, o Theatro, a Igreja e finalmente tudo arrastava o homem ao desenvolvimento de seus planos e isso quando apenas parecia haverem terminado os terrores causados pelo anno 1000, época em que o

olfacto sinão um cheiro mais precioso do que o do divino nardo! Um tempo em que o vosso sabor existia n'outros labios? Um tempo, em que o vosso tacto ressentia-se apenas ao leve tocar de um extranho corpo: mas onde palpitava o vosso coração, e aonde cogitava a vossa alma? Houve um tempo, em que vós não senticis em vós proprio, porque outra pessoa possuia os vossos sentidos? Um tempo, em que vós não vivicis em vós mesmo, porque outra pessoa em vós vivia, como vós nella?

Tivestes vós alguém, cujo olhar vos-assustava, cujo fallar vos-fazia tremer, e cujo tocar vos-abatia? Tivestes alguém, cujo rosto vos-desenhava um seraphim, e cujo sorriso desdobraava ante o vosso coração todos os encantos do céo? E que nome daveis a esse alguém? — Vós lhe-chamaveis — Minha amada! — Pois bem; mas isso era nos momentos de vossa calma: e nos momentos de vossos extases? Um anjo! — E' bem: e nos vossos delirios — Um Deus! — Sim, um Deus; e ella o-é quando verdadeiramente ama, porque Deus está em seu coração, o céo no seu rosto, e os anjos em seus sorrisos! Amar! Adormecestes vós alguma noite amando? Dormistes já um sono de amante? Tendes vós alguma vez vos-accordado em uma ma-

genero humano achava-se desvairado pelas apprehensões de uma antiga prophécia que annunciava a total destruição de nosso globo. Esse terror, longe de dissipar-se estava ainda no XIII seculo gravado no animo do povo.

Aproveitar-se do panico de que elle se achava possuido para estabelecer a influencia do sacerdocio; humilhar os poderes temporaes, tirando-lhes todo o prestigio: confundir as grandes intelligencias com esta simples palavra dirigida á autoridade civil: *Morrerás!* Tal era a politica do XIII seculo:

O Clero marchava triumphante apresentando em uma das mãos o *Paraiso* e na outra o *Inferno*.

Não sendo para nós a *Divina Comedia* mais do que uma sublime concepção de um genio poderoso, era para as imaginações do XIII seculo uma terrivel realidade.

Corre que duas mulheres vendo um dia Dante passar pelas ruas de Verona, na época em que o seu poema do *Inferno* ganhava nomeada, disse uma para outra contemplando-o com attenção e ao mesmo tempo com aversão: — « Ah! vai o homem que chegou do Inferno para dar-nos noticias do que lá se passa. » — O rosto e a barba, replicou outra, estão negras da fumaça d'aquelle logar. » Estas duas mulheres fallavam com sinceridade, *da pura credença*.

O Diabo e o Inferno eram os terrores da idade media. « Eu já o vi! » dizia um: — « E eu lá estive! » tornava outro! » O terror era tal que chegava a perturbar as sensações da vista, da audição e do olphato. As formas do Diabo, a voz e o cheiro eram vulgarmente descriptas e conhecidos no XIII seculo. Não havia quem não tivesse visto as pontas dos seus chifres e a sua hedionda cauda.

As hallucinações provocadas pela phantasia do dogma e o manto do Diabo serviram sempre em tempos de ignorancia (cousa notavel!) de amparo á opposição religiosa e politica. Os sabios, os hereticos, os reformadores e mesmo os que pensam livremente (*os libertinos* de Bossuet) todos tratavam com o Inferno, seus espiritos frequentavam esses sombrios lugares.

drugada de amor? Oh! como é tudo isto encantador! Amar! Quanto é doce amar!

E houve algum tempo em que amando, e sendo amado, longe existia a vossa bem querida? Provastes algum dia as dolorosas ternuras de um melancholico affecto a que chamamos saudade? Comprehendeis vós todo o amplo sentido da palavra saudade? Experimentastes uma vez os effeitos dessa dor de nossa alma, durante a ausencia da eleita do nosso coração? Saudade... doloroso sentimento da sensibilidade penalizada nos males do presentel suave effusão da intelligencia delectada nos bens do passado! consoladora esperanza da vontade na incerteza do futuro! Saudade... composto maravilhoso de multiplos sentimentos de que resulta para nossa alma a suprema faculdade de attingir a todas as sublimidades do Amor!

Uní agora á saudade a incerteza da existencia do bem, e vós tercis, não um sentimento terno e melancholico, mas um sentimento cruel e desesperado!

Aqui tendes o estado em que se achava a alma de Laura. Amava e amava muito; seu bem estava longe della, e des do dia que terminado fôra pela terrivel scena do jardim, que não tinha do seu bello caçador nem a mais leve noticia. A inesperada apparição de

Dos seus colloquios mudos com as trevas foi que Dante concebeu o anathema que lançou sobre o Clero.

O Cronto, isto é, Dante, antecipou a obra do Juiz Supremo, chamou o seculo perante o tribunal por elle formado: dividiu os seus contemporaneos em duas categorias, collocou os bons á direita e os máos á esquerda; confundindo d'esta arte sua justiça com a justiça divina, recompensando a uns e punindo a outros. Maldito seja o hypocrita! Maldito o oppressor do opprimido! Malditos os inimigos do poeta! Elles serão victimas de uma sentença que os tornará dignos da immortalidade.

Encarnar a historia em um dogma imutavel era o melhor meio de engrandecer e de firmar o seu juizo sobre as cousas. Que differença! não é um Gibbelino quem falla, um habitante de Florença, um italiano do XIII seculo, não é o homem que por suas crenças pertence a toda humanidade...

Dante fóra das condições de sua época deixaria de ser Dante: pois o bello e o sublime não podem existir sem as rigorosas condições da harmonia; e ainda menos o genio poetico pode espalhar as suas brilhantes irradiações. Dante é a personificação d'esse seculo de inspirações nos quaes a poesia se achava ainda identificada com dogma.

Como a Igreja procurava ligar a politica á religião, a theologia era considerada como o receptaculo de todos os conhecimentos humanos.

Dante, na confecção de seu vastissimo e encyclopedico poema no XIII seculo não podia ficar isemto dos rigores da autoridade dos *mysterios*. Sua imaginação livre voava ás regiões da methaphisica sagrada como as dos antigos poetas gregos. Si nos fosse permitido deslinh-o por analogia, chamal-o-hiamos o Orpheo do Catholicismo.

Acabamos de estudar o poeta e sua obra religiosa na era em que Dante existio. O povo da uma época nunca se assemelha ao da outra. O progresso do espirito, o mo-

Marcos no logar da entrevista, a declaração do escravo, que asseverara o-ter elle interceptado a sua, e a carta do caçador, eram mortaes angustias para sua alma! Esse joven a quem ella ama, des de que tal amor tivera principio, não tinha deixado passar quatro dias sem vel-a, e todavia sette já são decorridos des desse fatal dia, e elle não apparece! Marcos sabe de tudo, e Marcos de tudo é capaz. Ella tremia, pois, pelo seu bello caçador, porque ella o-ama, e o-ama tão estremecidamente, que dar não duvidaria pela vida dello a sua vida, si morto elle estivesse, e por esse tão caro preço resgatar pudesse uma vida, que era a alma de sua vida. A' estas idéas lúgubres unindo-se outras não menos dolorosas, vinham contristar sua alma, e funestar dias, que ella quizera guardar desvelada para sacrificial-os, como oblação de um apaixonado amor, ao formoso mais amado de seu coração, ao bello mais doce de sua alma, o lindo caçador emfim!

Taes eram as idéas, que turbilhonavam na escandecida cabeça da apaixonada Laura, como um turbilhão de chammas, entre massas combustiveis no abrasado bojo de troador vulcão, quando ouviu bater á porta... chega á janella... —ah!... —foi um suspiro de amor arrojado por um repentino prazer!

vimento das idéas, a physionomia moral d'esse seculo são proprios á idade da historia, e é o que denominamos o caracter de um seculo.

(Continúa.)

## Uma pagina da minha vida.

### III.

Houve um dia em que o mundo pareceu-me a bemaventurança celeste! Sim, um dia, porque todo o periodo de tempo, em que o teu amor emparaisou-me a vida, resumio-se entre uma bella manhã de esperanças e uma noite horrenda de decepções. E pois teve para mim todo esse periodo de alguns annos a breve duração de um dia.

E a manhã formosa desse dia, que terminou por uma noite cruel de angustias e de lagrimas, foi aquella em que te vi pela primeira vez á janella do teu palacio encantado pelos teus encantos de fada e pela primeira vez também senti minha alma enternecida curvar-se ante a omnipotencia de uma beleza peregrina e desaparecer a liberdade do meu coração ante a luz avolumada do teu olhar e o encanto inexprimivel do teu sorriso, como desaparece a nuvem branca e diaphana ao passar por diante do sol.

Oh!... quanta illusão doirada, quanta luz, quanta harmonia, quanto perfume no presentel! Quanto sonho encantado, quanta esperança mimosa, quanto desejo vago mais ardente e profundo no futuro!... como... como era feliz, oh! virgem, primeiro que se approximasse aquella noite tremenda....

Mas ah!... para que recordas-me ainda de uma noite em que soffri tanto, meu Deus!... uma noite em que senti quasi toda a vida escoar-se-me nas lagrimas, como se escoaria no sangue de uma artéria rôtal

Nessa noite, Maria, uma blasphemia

— Formosa Laura!...  
— Meu lindo caçador!...  
— Vós deveis estar muito enfiada comigo, não é assim?... nem eu aqui venho sinão a pedir-vos perdão; e estou certo que ao depois que me-ouirdes me-perdoareis...  
— Mas de que? de que?  
— Por não ter comparecido no logar aprazado para a entrevista, que tive a liberdade de pedir-vos...  
— Ah... nem disso já me-alebrava...  
— Como! Pois não vos-alebravas?  
— Sim; o prazer de ver-vos é tal, que já me-tinha feito esquecer todo esse passado. Mas, vamos, porque não viestes?  
— Vêdes esta ferida?  
— Oh, meu Deus! ferido!  
— Não vos-assusteis; é cousa mui pequena.  
— E como a-recebestes, como?  
— Eu vos-conto. Depois que daqui sahi, no dia, em que vos diriji a minha carta, diverti-me algum tempo na caçada; já um tanto cansado, parei á sombra de uma arvore para tomar alento; carreguei a minha espingarda, e distraído a deixei armada...  
— Oh, meu Deus! Que fizestes...  
— Foi uma distracção. Depois, pondo a mão sobre a bocca... oh! eu tinha todo o meu pensamento embebido em vós, e de nada

horriavel esteve prestes accrestar-me os labios, estive quasi maldizendo de Deos pois havia adornado o teu corpo e o teu espirito de taes sublimes encantos e dado-me uma natureza entusiasmatica do bello e do sublime, no momento em que senti o teu coração virginal bater de encontro ao meu coração, teus labios de humido-carmim tocarem de leve os meos labios; os meus sons tremulos e interrompidos pelos teus soluços roçarem-me os ouvidos e depois sussurarem-me n'alma desolados como a brisa que murmura na barça flanninha de um deserto arido!

E esses sons eram um *adeos* que me dizias, oh! virgem, e nunca mais nos vimos, nunca mais nos haveremos de ver quem sabe?

### IV.

Magnifico e grandioso é ver o oceano, como se fosse um ser intelligente que tivesse consciencia de sua força e grandeza, zombar da pretenciosa fragilidade humana e, sorrindo do escarneo, arremessar aos ares, como ligeiro brinco de criança, os mais pesados madeiros que a industria do homem ouza lançar-lhe sobre a cerviz indomita.

E' um espectáculo estupendo e magestoso ver a immensidade abrir-se debaixo dos nossos pés e por cima das nossas cabeças a immensidade!

E contado, oh! virgem, tão concentrado estava o meu espirito no pensamento de deixar-te, tão profundo era o doloroso o punjar da minha suadade que eu nada via em torno de mim senão a tua imagem adoravel no momento em que disse o *adeus* derradeiro á terra da patria em que tu ficavas, e embarquei-me.

Debalde o oceano levantava ao céu enormes serras alvejantes de espuma, debalde o cavava debaixo dos nossos pés tenebrosos golphões; ou zombava do oceano ou era lbe indifferente como elle era indifferente ou zombava da ousadia do homem!

Uma cousa havia para mim mais estu-

mais me-alebrava! Absorto em meus pensamentos, puchou a arma para adiante; um eipó, talvez, embaraçou-me no gatilho, a arma disparou...

— Ah!...

— Não tenhaes susto; nada foi; feri-me apenas nesta mão, aqui neste logar, que chamam bordo interno; bem vêdes que não houve perigo, pois que o logar não é para isso. Todavia o susto arrancou-me um grito involuntario; meus companheiros, ouvindo o echo do tiro, e o do grito, acudiram-me, e vendo-me ferido, propozem-me o-vollarmos para a cidade. Foi debalde que lhes-resisti, fazendo-lhes ver que a ferida era de nem-um cuidado; não me-attenderam, e quasi á força fizeram-me ir. Eis-aqui a razão porque não compareci, como devia, no logar da entrevista.

Laura tendo ouvido esta narração, olhou para o mancebo em um, como extase, e exclamou:

— Vós sois um anjo, e Deos vos-protecte. O vosso tiro foi um beneficio do céu...

— Talvez... mas eu não vos-entendo.

(Continúa.)

penda e grandiosa do que o oceano, era o teu amor; mais desesperadora e mais horripilante do que as suas montanhas e os seus abismos, era a tua ausencia.—Que me importava, pois, o oceano?

Ah!.. não sei porque não sepultou-me Deos em uma d'aquellas voragens abertas ante os meus olhos, quando decretou que os nossos dias, a nossa vida, o nosso ser não se confundissem, não se identificassem para sempre, oh! virgem!

Uma luta horrorosa com as ondas, uma convulsão despedaçadora, uma agonia suprema por alguns instantes e depois a morte, o repouso eterno, o eterno esquecimento de todas as nossas affeições na vida.

Eis o que me teria acontecido se no momento de deixar-te me tivesses tragado o oceano;—leria soffrido menos do que tenho peando na tua ausencia, oh! virgem—p que a vida, longe da mulher que se ama com todo o sublime delirio do primeiro amor, é a mais dolorosa de todas as mortes!

E como eu te amei no espaço de cinco annos comprehendidos entre uma alvorada de risos e um occaso de lagrimas, não posso dizer-o eu mesmo, não pode dizer o mundo, que nunca foi para o mundo poder avaliar a magnitudedo meu amor, só Deos que o comprehende o sabe, e Deos a ninguém o dirá.

Amei-te, oh!.. amei-te muito!—Se a lua, no mais profundo e silencioso da noite, tivesse uma linguagem que comprehendes- se a lua, que habita o espaço e conhece o infinito, era somente quem te poderia dizer toda a estensão do meu amor; porque de todos os seres da natureza é ella o unico, depois que te hei perdido, que eu amo quasi como a ti mesma, porque é ella a imagem do infelix na terra.

A luz melancolica e suave com que ella resplandesce é o reflexo desmaiado do dia que passou, assim como o riso pallido que roça os labios do infelix é o reverbero das suas esperanças mortas, dos seus prazeres passados.

Eu amo duplamente a lua, oh! virgem, porque representa a tristeza do meu coração e a candura angelica da tua alma; é só ella que preenche o vacuo immenso que deixaram-me na vida as extinctas esperanças do meu amor e atenua os horrores do meu atroz isolamento.

Astro divino da saudade, oh! lua, amiga protectora dos desditosos, primor o mais sublime de todos os primores da criação, salve!..

Juntus.

## Amor

O. D. C.

A... POR A. J. S. M.

Pastora gentil,  
Vem a meus braços,  
Em doces laços  
Comigo viver.

Seremos felizes  
A Deos só amando,  
Delicias gozando,  
Amor e prazer!

Amor é viver,  
Amor é gozar,  
Amor é pensar,  
Amor é morrer!

Ah! vem vem comigo!  
Somente existir,  
Ah! vem extinguir  
A minha paixão!

Tambem gozaremos  
Na eternidade,  
Se das felicidade  
Ao meu coração!

Amor é saude,  
Amor é victoria,  
Amor é a gloria,  
Amor é virtudel

Ah! não te demores  
Na minha ventura,  
Se não me dezojas  
Ver na sepultural

## Mocidade.

Primavera da vida, que trazes  
Mil prazeres envoltos na dor  
Iludiste minh'alma innocente  
E turvaste meus sonhos d'amor!

Nessa quadra gentil dos amores  
Tive um anjo, que a vida votou-me;  
Tão depressa lhe amei—foi ingrato!  
Deu-me tratos do inferno, matou-me!..

Fui Poeta, vaguei pelo mundo!  
Quiz bem longe esquecer seu amor;  
O destino mostrou-me seu rosto!  
Foi então qu'eu amei com fervor.

Mudas phrazes que os olhos traduzem,  
Expressivas pr'o peito que adora,  
Tudo, tudo, fizeram minh'alma,  
Só lembrar-se dos tempos d'out'ora!

Suas juras ouvi—fui um crente,  
Meu amor augmentou como a chama,  
Que s'anima aos bafejos da briza,  
Que s'eleva, s'activa e s'inflamma!

Foi então, que na lyra meu cant o  
Desprendeu-se com mais harmonia!  
Que minh'alma gozou dos enlevos  
Da mais bella, mais pura poesia.

R. L.

## A FLOR SAUDADE E O MEU SEGREDO

Meiga flor, que tanto adoro  
Nesta triste solidão,  
Não mais te separarás  
Do meu triste coração.

Ha muito que de meu peito  
Tu és fiel companhia;  
Desde que a sorte cruel  
Roubou a minha alegria.

Como tu, roxa florsinha,  
Meu peito vive saudoso!..  
Tambem guardo junto a ti  
Um pensamento inditoso.

Esse triste pensamento  
A ninguém revelarei;  
E' um segredo infelix,  
Que eu jamais olvidarei.

Meu segredo malfadado,  
Eu te amo com delirio,  
Embora no peito meu  
Occultes cruel martirio!

Minha existencia é só tua,  
Só por ti quero viver,  
E sempre unido á saudade  
Has de comigo morrer!

S. Christovão, 31 de Julho de 1859.

\*\*\*

## DESAPONTAMENTOS.

Depois de um mez de casado saber que um de vossos amigos esteve para desposar vossa mulher, e não poder atinar com o motivo de sua renuncia.

\*\*

Dedicar a uma joven o mais puro e santo amor, e depois saber que ella apreeia como ninguém os romances de Paulo de Kock.

\*\*

Estar deitado; cahir o morrão da vela sobre o tapete, o esquecido de que não calçasts as chinellas assentar com o pé em cima para apagal-o.

\*\*

O tempo perdido em uma casa de modas, enquanto aquella a quem servis do cavalheiro faz desdobrar duzentas ou tresentas peças de fazendas para escolher, minto, para não escolher uma unica.

\*\*

Ser mais ou menos sympathico, e ter como rival feliz um monstro, um aborto, mas que não obstante, é amado.

\*\*

Combinar com quatro ou cinco amigos para no dia seguinte, ás quatro horas da madrugada, partirem para um divertimento campestre. Com a idéa de accordar cedo, preferir passar a noite em claro, e das duas para as tres horas ceder á fadiga causada por aquella insomnia, e dormir até as oito horas do dia.

\*\*

Ser estudante, apaixonar-se loucamente por uma Duquesa e não ter senão dez toções para acabar o mez.

\*\*

Escrevermos á bella dos nossos amores designando-lhe uma entrevista e por engano o mensageiro entregar a carta ao pai. Indo-se ao logar da rendez-vous deparar-se com o velho que nos prega uma lição de moral.

## Charada.

Enés sempre me teve..... 1  
Minerva sempre escrevia..... 1  
Eu mesmo quando era triste  
P'ra consolo isto fazia..... 2

CONCEITO.

E' gentil, é mimosa como a estrella  
Que acorda de manhã no firmamento;  
E' linda como a rosa em vaso d'oiro  
A flor que no meu peito teve assento.

—A decifração da charada do n. antecedente é *Papaizinho*.

Typographia de Paula Brito

64 — Praça da Constituição — 64